Universiteit Leiden
The Netherlands

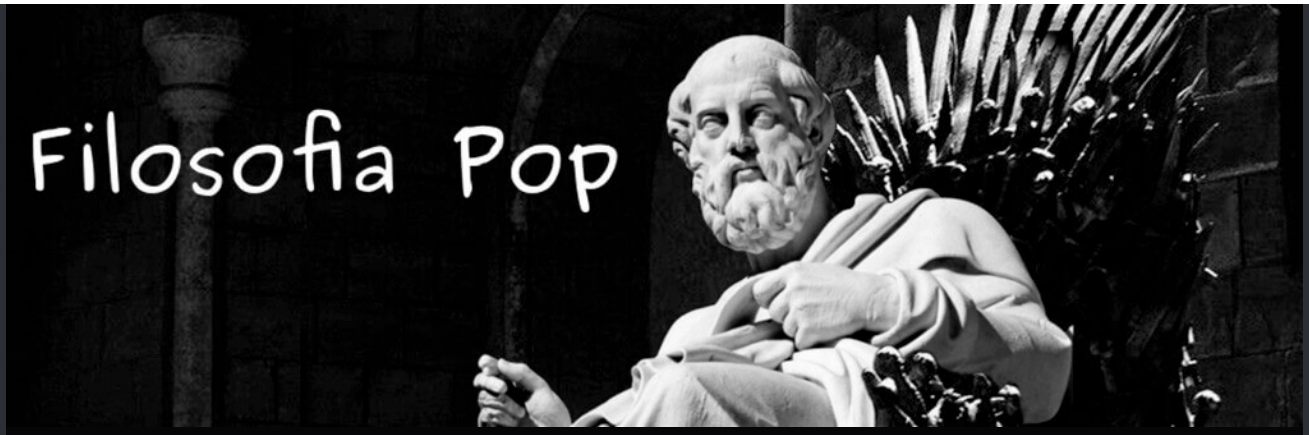
Louise F. Müller, Universidade de Leiden - Holanda: entrevistas sobre filosofia Africana

Müller, L.F.; Lopes, M.C.

Citation
Müller, L. F., & Lopes, M. C. (2021). Louise F. Müller, Universidade de Leiden - Holanda: entrevistas sobre filosofia Africana. In (Vol. 16, pp. 1-8). Retrieved from https://hdl.handle.net/1887/3166341

Version: Not Applicable (or Unknown)
License: Leiden University Non-exclusive license
Downloaded from: https://hdl.handle.net/1887/3166341

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).



Tcholonadur 016 – Louise F. Müller

Nenhum Comentário

Publicado em 26 de março de 2021 por Marcos Carvalho Lopes

Tcholonadur

#016

Louise F. Müller

Universidade de Leiden - Holanda

entrevistas sobre filosofia africana

filosofiapop.com.br

Louise Müller e o jogo da filosofia africana

“O conhecimento é como um baobá, nenhuma pessoa sozinha pode abraçá-lo”. Este é um provérbio Akan pode ser combinado com outro que diz “Que nenhuma cidade (*polis*) possui sozinha a verdade”. Nenhuma ou cidade poderia almejar a posse integral da verdade. É nesse sentido que a filósofa holandesa Louise Müller, especialista na cultura akan, tem se dedicado a filosofia africana, desenvolvendo diálogos interculturais, assim como, buscando se aprofundar nos conhecimentos de línguas e culturas africanas.

O exemplo dos provérbios akan são pertinentes porque sua interpretação exige tanto um conhecimento holístico da cultura, quanto a re-contextualização feita através do uso em determinado contexto. É o exemplo das *adrinkas* um conjunto de símbolos, vinculados a provérbios que promovem uma forma indireta de comunicação presentes em tecidos, ornamentos, emblemas reais, pesos de ouro, edifícios, joias etc. A combinação de adrinkas em tecidos pode ser utilizada para passar diferentes mensagens em ocasiões cerimoniais, ou ser utilizados como ornamentos em objetos trazendo mensagens específicas.

Os provérbios e as adrinkas fazem parte do grande pando de fundo de cultura oral que Müller tem pesquisado, a partir da vivência e conhecimento da língua twi (asante), de contos, canções, cerimónias etc. A partir desse trabalho de campo, incomum na filosofia ocidental, a autora pode desenvolver investigações mais situadas. Por exemplo, sobre a representação das mulheres nos filmes nigerianos e ganenses e como esses articulam com as crenças e práticas do seu público em sua narrativa e recepção (pergunta que ganha sentido diverso quando feita na diáspora ou quando práticas e religiosidades ocidentais estão presentes).[1]

Muller também tem desenvolvido pesquisas interessantes comparando a filosofia egípcia com a filosofia grega, mostrando, por exemplo, como os princípios dionisíacos e apolínios podem ser encontrados nas narrativas sobre Seth e Osíris.[2]

Na entrevista a seguir, a professora Louise Muller nos oferece uma descrição mais detalhada de como pensa e desenvolve suas pesquisas em filosofia africana.

Como você define a filosofia africana?

Os acadêmicos céticos argumentaram que a Filosofia Africana não existe porque a África não tem uma tradição escrita. Isto é, naturalmente, um absurdo, porque a escrita não é uma condição prévia para o pensamento filosófico. As tradições e culturas orais contêm tanta filosofia quanto as escritas. Além disso há filósofos, como o professor de filosofia beninense Paulin Hountondji, que argumentaram que a filosofia só pode ser africana se for produzida por africanos. Eu, pelo contrário, sou de opinião que a filosofia africana é uma filosofia sobre a África e que os não africanos também são capazes de contribuir para a filosofia africana. Na minha opinião, não são as pessoas, mas os conceitos e tópicos que determinam o que torna a filosofia africana. A filosofia africana se concentra em assuntos que dizem respeito às pessoas da África. Alguns exemplos são o racismo, a escravidão e o tráfico de escravos, a personalidade, as identidades africanas, as epistemologias indígenas, a

relação indivíduo-comunidade, a Consciência Negra, a estética africana e a política tradicional e moderna. Várias filósofas não africanas também se concentraram nestas questões, incluindo Anke Graneß, Gail Presbey e eu mesma, Louise Müller.

Como você entrou em contato com a filosofia africana?

Quando estudei história e filosofia na Holanda, fui em uma viagem de estudo a Gana. Na Universidade de Gana, participei de algumas aulas de filosofia do falecido professor Kwame Gyekye (1939-2019). Este filósofo akan causou uma grande impressão em mim. Eu estava especialmente interessada no que ele me contou sobre a filosofia Akan da consciência. Ele introduziu o conceito de panpsicismo, que é a ideia filosófica de que tudo tem consciência pois contém o *sumsum* (espírito), portanto, não só pessoas, mas também árvores e até mesmo pedras, objetos animados e não animados. O panpsicismo implica que os objetos naturais têm propriedade ativa, que eles possuem poder. Isto é comparável ao que os chineses querem dizer com o conceito de Ch'i. Há uma energia ou poder em todos e em tudo, que conecta todos os seres humanos ao seu ambiente natural e social. A ideia de que tudo está conectado e que não eram indivíduos atômicos teve um grande impacto em minha visão de mundo. Desde minha primeira visita a Gana, tenho me sentido mais conectado com o mundo em geral.

No início, a busca de identidade era o lema para o desenvolvimento da filosofia africana. Esta busca está ultrapassada?

Não, certamente não está desatualizada. A filosofia africana não se desenvolveu apenas em torno de conceitos e tópicos da identidade africana, embora isto certamente tenha desempenhado um papel significativo no desenvolvimento deste campo acadêmico. Um dos pioneiros em se concentrar nas identidades africanas foi o afro-americano W.E.B. Du Bois. Ele criou o conceito de "dupla consciência" para descrever seus sentimentos como afro-americano de ser em parte leal às suas raízes africanas e em parte às suas raízes norte-americanas, e a experiência do choque que esta dupla lealdade e identidade podem causar dentro de seu próprio cérebro. Du Bois também foi importante para sua compreensão da identidade como uma construção – como um conjunto de obrigações sobre como se deve comportar – em vez de uma constituição biológica. Enfatizou que muitas ideias sobre africanos e afro-americanos, como o fato de serem preguiçosos, infantis e pouco inteligentes, não faziam parte da biologia do povo africano, mas da percepção que os ocidentais têm deles. Na maioria das vezes, os ocidentais não viam a relação entre pobreza e más condições de vida e saúde no comportamento dos africanos (e afro-americanos), como explicado, por exemplo, no estudo Du Bois **The Philadelphia Negro** (1899).[3]

Hoje, o filósofo ganense Kwame Appiah reitera a visão de Du Bois sobre o construtivismo das identidades sociais. Em seu recente livro **The lies that bind**[4] (2018) Appiah explica que as pessoas estão ligadas por credo, país (nacionalidade), raça (cor), classe e cultura. Estas categorias são construções sociais. Biologicamente, elas não existem e, portanto, em certo sentido, são "mentiras" criadas pelas pessoas para fazer coisas em conjunto e construir um quadro comum de referência. O fato de Appiah ainda escrever livros em nossa época com esta filosofia subjacente e que eles são muito frequentemente citados é significativo. Para muitas pessoas, especialmente pessoas muito

religiosas e conservadoras, ainda é difícil compreender a relatividade de suas crenças ou ideias, concentrando-se no contexto social no qual elas as desenvolveram. Enquanto as pessoas não acharem evidente que suas identidades sociais são o resultado de processos sociais, a identidade continuará sendo um conceito e uma questão importante na filosofia africana.

Em sua perspectiva, que questões movem a filosofia africana hoje

Além das questões ainda prementes sobre a identidade africana, os filósofos africanos contemporâneos muitas vezes se concentram no bem-estar (humano). Eles criticam os estudos de desenvolvimento ocidentais por não serem inclusivos, por não levarem em conta as percepções holísticas africanas sobre o bem-estar e a conectividade das pessoas com seu ambiente social e natural. Os estudos de desenvolvimento ocidentais muitas vezes ignoram a epistemologia indígena africana e o papel dos tabus sociais na melhoria da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável. Nas visões tradicionais do mundo africano, é possível encontrar uma longa lista de restrições (*dont's*) que permite à comunidade preservar seu ambiente natural. Os tabus africanos são parte integrante das tradições orais, tais como provérbios, histórias, canções e cerimônias ou rituais religiosos. Um exemplo de tal tabu na cultura ganense Akan não é ir à fazenda em um domingo por respeito à Deusa da Terra (*Yaa Asantewaa*), que precisa descansar às vezes. Estas tradições orais, que são transmitidas de geração em geração, autorizam o comportamento da comunidade e assim ajudam a manter a biodiversidade. Outro tópico ainda relevante na filosofia africana é o da Consciência Negra. Nos anos 60, quando muitos países africanos conquistaram a independência de seus governantes coloniais, os primeiros líderes africanos, como Julius Nyerere (Tanzânia) e Kwame Nkrumah (Gana), queriam unir todos os povos da África não apenas politicamente (pela Organização para a Unidade Africana), mas também ideologicamente. O chamado panafricanismo também inspirou os africanos na diáspora, como o já mencionado W.E.B. Du Bois e o herói da resistência sul-africana contra o *Apartheid* Steve Biko. O movimento Black Lives Matter de hoje está fundamentado na filosofia Pan-Africana da Consciência Negra. A ideia é que os africanos em todo o mundo podem se capacitar melhor operando juntos para falar e agir contra a injustiça racial e a favor do aumento da autoestima dos africanos e das pessoas de ascendência africana. Desde o tráfico de escravos e o nascimento da escravidão e sociedades coloniais, os africanos negros lutaram pelo reconhecimento e respeito humano. No entanto, especialmente nos Estados Unidos, a violência contra os corpos negros é contínua, assim como a luta de emancipação dos afro-americanos. Black Lives Matter é um movimento muito moderno da Consciência Negra, que se torna aparente, por exemplo, pelo fato de que também reconhece a luta das mulheres negras africanas e de outros membros negros da comunidade LGBT. Como movimento social, o Black Lives Matter mantém em mente as mensagens de amor e não-violência de Martin Luther King. Enquanto 'o problema da linha de cor' – como W.E.B. du Bois se referiu a questões raciais nos EUA – continuar a existir, os movimentos de Consciência Negra de todos os tipos prosperarão. Portanto, é melhor apreciar os movimentos relativamente pacíficos.

Finalmente, uma questão que deve mover a filosofia africana hoje é como a filosofia africana se relaciona com a história africana. Atualmente estou escrevendo uma monografia sobre a história das

figuras negras que acompanharam o bispo São Nicolau na Antiguidade tardia, que são conhecidas na tradição holandesa de São Nicolau (*Sinterklaas*) como “Black Peters”. Relaciono a história religiosa dessas figuras negras com a filosofia da Consciência Negra e a resistência contra os Black Peters por membros dos movimentos contemporâneos da Consciência Negra, tais como Black Lives Matter nos EUA e no Brasil e Kick Out Black Pete na Holanda. Portanto, estou investigando a interconectividade entre a antiga história afro-européia e a filosofia política africana contemporânea.

Como você vê as disputas sobre o mulherismo e o feminismo em relação à filosofia africana? Como a filosofia africana aborda as questões relacionadas às diferenças de gênero e identidade sexual?

O mulherismo visa abordar a opressão de gênero incluindo homens em sua agenda e o desejo de melhorar as relações de gênero tanto para homens quanto para mulheres. As feministas, na maioria das vezes, concentram-se exclusivamente nas exigências das mulheres e às vezes se dedicam à eliminação dos homens. As filósofas africanas favorecem mais frequentemente a filosofia do mulherismo, pois associam o feminismo à brancura e as mulheres brancas são frequentemente percebidas pelas mulheres negras como parte do problema e não como a solução. As filósofas africanas têm como objetivo melhorar a compreensão das diferenças entre a luta das mulheres negras e das mulheres brancas. Enquanto as mulheres negras estão combatendo principalmente sua opressão por brancos enraizados em sociedades racistas escravas e (neo) coloniais, as mulheres brancas têm um forte ponto focal sobre os homens brancos e a luta pela igualdade em sua relação com eles, já que é a relação com os homens que define a condição de mulher ocidental. Na África, este não é o caso e na África e na diáspora o racismo é um inimigo maior das mulheres do que dos homens. A opressão racial tem assim seus efeitos sobre a experiência da opressão de gênero e várias filósofas africanas, como Patricia Collins, Marie Pauline Eboh e Bell Hooks, deixaram sua luz brilhar sobre este tema.

Dos filósofos africanos que você conheceu pessoalmente, quem é o mais importante em sua opinião?

Não posso dizer que a falecida professora Sophie Oluwole é a filósofa mais importante da Filosofia Africana, mas ela foi importante para mim e visitou a Holanda algumas vezes para dar palestras, que foi como a conheci. Ela era uma professora muito animada e uma verdadeira filósofa também no sentido não-acadêmico da palavra. Ela podia filosofar sem parar sobre diversos temas de uma maneira não convencional. Ela era uma defensora da filosofia tradicional africana e com seus trabalhos **Filosofia e tradição oral** (1997)[5] e **Sócrates e Orunmila**[6] (2017) ela abriu o caminho para a aceitação da filosofia nas tradições orais africanas como filosofia africana. Esta filosofia tradicional africana pode ser encontrada em canções, bailes, cantos fúnebres, mitos e provérbios. Outro tradicional poeta-filósofo e crítico cultural cujos livros acadêmicos já foram reconhecidos na filosofia africana é o falecido Okot p’Bitek ugandense, autor de, por exemplo, ‘Song of Lawino’ (1966) e ‘Acholi Proverbs’ (1985). Meus interesses de pesquisa estão no campo da filosofia nas tradições orais, e recentemente desenvolvi um jogo chamado ‘Adinkra’. Este jogo visa ensinar a seus jogadores a ética e os provérbios Akan, familiarizando-os com os símbolos Adinkra do povo Akan de Gana,

Costa do Marfim e Togo na África Ocidental.[7] Ao criar este jogo eu também espero melhorar a compreensão da filosofia nas tradições orais africanas, que inclui provérbios e linguagens simbólicas como Adinkra.

Quem é seu filósofo africano preferido?

Minha filósofa favorita é Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí, uma professora nigeriana (iorubá) de filosofia com foco em estudos de gênero africanos. A professora Oyèwùmí crítica a racialização e o eurocentrismo na produção de conhecimentos relacionados aos estudos de gênero. Ela argumenta que como o feminismo ocidental é a norma, este tipo de feminismo é considerado universal. Consequentemente, há muito pouco espaço para as filosofias africanas e outras filosofias não ocidentais de gênero. Esta falta de foco nas filosofias não-ocidentais de gênero é problemática porque não ajuda a melhorar a compreensão das questões de gênero nas sociedades africanas, por exemplo, usando conceitos ocidentais relacionados ao gênero. Ela mesma experimentou isso quando conduziu um trabalho de campo entre os iorubás com um questionário que desenvolveu em uma universidade sediada nos EUA. Ela percebeu que tinha que impor categorias de gênero definidas pelo Ocidente com base na família nuclear a um grupo de pessoas (o povo iorubá com quem ela cresceu) que não reconhecem essas categorias.

Oyèwùmí abriu meus olhos para o construtivismo social por trás das categorias de gênero e para a noção europeia de mulheres como esposas de homens. Na cultura iorubá, as mulheres não são reduzidas ao papel de esposas e ao de mães, e não são reduzidas ao seu relacionamento com os homens. Na cultura iorubá, a mãe solteira é um oximoro porque, na opinião deles, uma mãe nunca é solteira, pois ela está profundamente ligada à sua prole. Eu acho que a definição iorubá de maternidade faz mais sentido do que a europeia, porque afinal são os filhos que transformam uma mulher em mãe. Definir a maternidade em torno do relacionamento de uma mãe com um homem não é nada mais que uma supervalorização dos homens. Oyèwùmí abriu meus olhos ocidentais para o absurdo das expressões da linguagem ocidental, como “mãe solteira”, que sem dúvida são criadas pelos homens (provavelmente por medo de não serem importantes para as mulheres após o nascimento dos filhos). Gosto muito de Oyèwùmí porque ela dá insights tão estimulantes.

O Brasil é o país com a maior população negra fora da África. Entretanto, no diálogo da filosofia africana, as vozes dos EUA e do Caribe são geralmente ouvidas, mas não as do Brasil. Este também é um problema comum em relação à África de língua portuguesa. Na prática, as fronteiras linguísticas são divisões para a filosofia africana ou é possível articular uma unidade que leve em conta estes espaços?

As fronteiras linguísticas podem, de fato, ser divisões em qualquer campo de estudo. Na filosofia ganense Akan, por exemplo, existe uma fronteira linguística entre o francês e o inglês e os estudiosos de qualquer uma das línguas não têm uma boa noção do que está acontecendo na outra língua e do que os novos estudos revelam. A filosofia africana como disciplina acadêmica parece ter acontecido também com o Brasil em termos de contato com o intelectualismo negro brasileiro. Penso que esta desconexão está relacionada com as forças neocoloniais no Brasil que continuam a oprimir a crença na capacidade de raciocínio dos africanos negros, neste caso, na diáspora. Quanto mais o Brasil

ganhar a total independência da neocolonização mental, como expressa por Ngugi wa Thiongo e Kwasi Wiredu, em relação a seu programa de humanidades e indústria cultural, mais fácil será para os pensadores negros africanos brasileiros levantarem suas vozes e serem ouvidos. Assim, no Brasil, a filosofia africana pode crescer como disciplina uma vez que suas estruturas econômicas, culturais e políticas serão liberadas de uma superabundância de influências do Norte Global. As filosofias africanas de orientação brasileira podem e provavelmente estarão então unidas ao resto da filosofia africana como uma disciplina acadêmica.

Louise F. Müller *trabalha como pesquisadora no Centre for the Arts in Society (LUCAS) da Universidade de Leiden. É formada na Holanda (Universidade Erasmus de Roterdã, Universidade de Leiden) e na Escócia (Universidade de Edimburgo) em Filosofia Africana (especialista em Filosofia Akan) e Intercultural, Estudos Religiosos Africanos e História Mundial. Conduziu trabalhos de campo em Gana (Kumasi) e Zâmbia (Lusaka). Ela se especializou em literatura oral Akan e Yoruba, política, religião e cinema (Gana, Ghallywood; Nigéria, Nollywood), educação religiosa na Zâmbia (África Austral) e mitologia e filosofia Greco-Egípcia (África do Norte). Obteve um mestrado e doutorado em Estudos Africanos pela Universidade de Edimburgo (Reino Unido) e publicou um livro sobre o tema de sua tese, intitulado '****Religion and Chieftaincy in Ghana****' (Lit Verlag, 2013).*

https://www.universiteitleiden.nl/en/staffmembers/louise-muller#tab-1

REFERENCIAS:

MULLER, Louise. **Religion and chieftaincy in Ghana: An explanation of the persistence of a traditional political institution in West Africa**. LIT Verlag Münster, 2013.

MÜLLER, Louise. On the demonization and discrimination of Akan and Yoruba women in Ghanaian and Nigerian video movies. **Research in African Literatures**, v. 45, n. 4, p. 104-120, 2014.

MÜLLER, Louise F. The reality of spirits? A historiography of the Akan concept of 'mind'. **Quest: An African Journal of Philosophy**, p. 1-2, 2008.

MULLER, Louise. A thematic comparison between four African scholars: Idowu, Mbiti, Okot p'Bitek & Appiah: what do they tell us about the existence of'truth'and a'High God', and why is their work significant?. **Quest: An International African Journal of Philosophy**, v. 18, n. 1-2, p. 109-123, 2004.

Müller, L. F., A. S. C. A. Muijen and K. Dorvlo (2021). The Adinkra Game: an Intercultural Communicative and Philosophical Praxis. Cultures at School and at Home. M. Metsärinne, R. Korhonen, T. Heino and M. Esko. Rauma, Rauman Normaalikoulu.

Müller L.F (2018), The Greco-Egyptian origins of western myths and philosophy. In: Mosima Pius (Ed.) Papers in Intercultural Philosophy and Transcontinental Comparative Studies. no. 24 Haarlem: Shikanda Press. 251-280.

---

[1] MÜLLER, Louise. On the demonization and discrimination of Akan and Yoruba women in Ghanaian

and Nigerian video movies. **Research in African Literatures**, v. 45, n. 4, p. 104-120, 2014.

[2] Müller L.F (2018), The Greco-Egyptian origins of western myths and philosophy. In: Mosima Pius (Ed.) **Papers in Intercultural Philosophy and Transcontinental Comparative Studies**. no. 24 Haarlem: Shikanda Press. 251-280.

[3] DU BOIS, William Edward Burghardt. **The Philadelphia negro: A social study**. Published for the University, 1899.

[4] APPIAH, Kwame Anthony. **The lies that bind: Rethinking identity**. Profile Books, 2018.

[5] OLUWOLE, Sophie B. **Philosophy and oral tradition**. African Research Konsultancy, 1997.

[6] OLUWOLE, Sophie Bosede. **Socrates and Orunmila**: Two patron saints of classical philosophy. 3ª ed. Lagos: Ark Publishers, 2017.

[7] Com o conhecimento das *adrinkas* Muller desenvolveu um jogo de tabuleiro em que o objetivo não é a vitória, mas promover a comunicação intercultural, aproximando as pessoas do sentido dos provérbios, sua combinação e construção de significado. Jogando as pessoas podeme então se aproximar do ethos e da sabedoria presente nas adrinkas e provérbios asantes. C.f. https://questforwisdom.org/quest-2/adinkra-intercultural-communication-game/

Apoie o Podcast Filosofia Pop

O podcast Filosofia Pop só é possível graças ao apoio dos ouvintes. Obrigado a você que apoia este projeto.

Ajude a divulgar o podcast Filosofia Pop e a campanha de financiamento. Apoie a Filosofia no Brasil.

Filosofia Pop no Catarse.me – https://www.catarse.me/filosofia_pop

Compartilhe isso:

Mais

Tcholonadur 014 – Bayibayi Molongwa
12 de março de 2021
Em "Filosofia Africana"

Tcholonadur 006 – Delphine Abadie
13 de janeiro de 2021
Em "Entrevista"

Tcholonadur 003 - Tanella Boni
18 de novembro de 2020
Em "Entrevista"